

CONTRATO N 2810/97
ECT CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC CÂMARA LEGISLATIVA

Biblioteca/CLDF

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 54/56
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

GOOOO!!!

**Esse é o
país do
futebol**

**Entrevista com o poeta
Anderson Braga
Horta**

O povo brasileiro no campo de futebol

SIMONI LAHUD GUEDES

O Brasil poderia adquirir o título de Campeão Mundial de Futebol por acaso, como por acaso foi descoberto e proclamou a Abolição, a Independência e a República (Lyra Filho, 1954, p. 67).

O futebol e a construção da identidade nacional

As interpretações do Brasil e dos brasileiros, produções concorrentes na construção da identidade nacional, são numerosas e utilizam várias temáticas (por ex.: Leite, 1985 ; Mota, 1977 ; Ortiz, 1985). Buscam uma síntese totalizadora como contraponto à diversidade empírica, elegendo um objeto de reflexão que encontra na categoria *povo brasileiro*, por exemplo, a partir do século XIX (Santos, 1987), uma "problemática obrigatória" (Bourdieu, 1982, p. 207) e um terreno privilegiado de exercícios de previsão otimistas ou pessimistas sobre o futuro do país.

A difusão e a divulgação de algumas dessas interpretações, não raro como meras caricaturas dos originais, como a popularíssima "democracia racial" via Gilberto Freyre, ocorrem por diversos canais, sendo utilizadas como aval para a emissão de uma série de juízos sobre os brasileiros que, não importando se são internamente contraditórios, servem

como argumentos inexpugnáveis, em seu dogmatismo, para explicar fatos da vida cotidiana e da vida político-administrativa do país. A imprensa é um dos canais mais importantes neste sentido. Por outro lado, essas mesmas interpretações costumam ser alimentadas por representações e noções construídas em diversos setores da sociedade, num contínuo movimento de troca.

O futebol no Brasil, ao lado de outros fenômenos como o carnaval e as religiões classificadas como afro-brasileiras, tem sido intensamente apropriado no sentido da composição da identidade nacional (Da Matta et al., 1982 ; Sachs et al., 1988). No caso do futebol, atribui-se-lhe, freqüentemente, o caráter de "esporte nacional", o que propicia tais ilações. Mas, em geral, ele é apenas uma das fontes utilizadas para essas composições globais.

De fato, o futebol, como a maioria dos esportes, é excelente terreno para



construção e confrontação de juízos sobre a nação. E é justamente porque os esportes se constituem em "domínio menor" da sociedade que apresentam enorme abertura às mais diversas apropriações ideológicas (Guedes, 1977).

Ou, como diria Bourdieu (1983, p. 139), porque a atividade esportiva é um fim em si mesma, uma atividade "para nada". Tratando-se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do povo. As vitórias da seleção nacional evidenciam a capacidade do povo brasileiro enquanto as derrotas são nada menos que denúncias de sua indigência (Guedes, 1977). Em questão de horas, às vezes de minutos, pode alterar-se radicalmente a tônica dos discursos na imprensa falada, por exemplo, indo da exaltação patriótica à queixa-denúncia,

ou vice-versa. Nesses momentos, pode ser atualizada a crença na "democracia racial" a partir da avaliação de episódios delimitados pelo espaço-tempo de um jogo de futebol ou, ainda, exteriorizadas, dos modos mais contundentes, inúmeras possibilidades de divisões internas que a própria construção da "seleção nacional" torna necessariamente encobertas. Logo, como parte do cotidiano e do "extraordinário previsto" (Da Matta, 1979) da sociedade brasileira, a linguagem do futebol, de divulgação ímpar no Brasil, é uma importante via de acesso às avaliações sobre o povo brasileiro.

O objeto de análise tomado aqui é uma parte de mais uma dessas interpretações do Brasil, sem dúvida feita de peças e pedaços de outras mais amplas ou equivalentes, mas que é peculiar ao menos num sentido: trata-se da única que utiliza como fonte primordial de material o futebol brasileiro. Seu autor é João Lyra Filho.

Nos textos em questão, é o desempenho dos jogadores brasileiros de futebol a matéria-prima para a reflexão sobre o povo brasileiro. Aí reside sua originalidade pois realiza - de modo sistemático e com pretensões científicas - o que apenas a imprensa esportiva já tinha feito.

João Lyra Filho (1906-1988) teve grande expressão na vida nacional, em vários campos distintos. Era ministro do Tribunal de Contas da União mas obteve também importantes posições na academia. O material com que se trabalhará aqui é proveniente de dois livros. O primeiro - *Taça do mundo, 1954* - é, originalmente, o relatório com destinação interna à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), escrito

como chefe da delegação brasileira enviada ao campeonato mundial de futebol de 1954, disputado na Suíça. O segundo - *Introdução à sociologia dos desportos* - foi publicado em 1973 e tem a intenção de formular uma teoria dos esportes. Destina-se, em princípio, a um outro tipo de público, tendo sido escrito a partir da posição de cientista social.

Apesar das diferentes posições que geraram os textos e as destinações diversas, há absoluta continuidade na tese básica defendida em ambos acerca do povo brasileiro. Não há adesão explícita a qualquer princípio metodológico, embora a abordagem seja freqüentemente perpassada por premissas evolucionistas.

O povo brasileiro visto através do seu futebol

O foco central do livro de 1954 é a avaliação das causas da derrota do selecionado brasileiro na Suíça, cristalizada no jogo contra o selecionado húngaro, que eliminou o Brasil pelo placar de 4x2. Como se opera a passagem da análise de uma derrota num jogo de futebol para uma análise do povo brasileiro?

O primeiro ponto é que o objeto de Lyra Filho não é, absolutamente, o futebol brasileiro, nem sequer a seleção brasileira de futebol. Como "instituição zero" (Guedes, 1977), área, em si, técnica e tática, pretensamente neutra, portanto não comportando significados necessariamente vinculados a seu poder significativo, o futebol, no caso brasileiro, tem sido antes um veículo que comporta as mais diferentes significações e fornece provas às mais diversas argumentações.

Nos textos em exame, o desempenho da seleção brasileira de futebol reproduz, diretamente, as características do povo brasileiro. Portanto, é o seu reflexo, resultando do seu desempenho em outros domínios. Operada esta passagem, equacionando o time de futebol em campo com o povo brasileiro - operação, aliás, nada incomum - o foco

da análise é deslocado do que ocorreu no campo de futebol para uma avaliação científica da formação e estado presente do povo brasileiro (Lyra Filho, 1954, p. 52). O jogo de futebol transforma-se numa espécie de "laboratório" onde foi colocado o povo brasileiro. Em decorrência, a análise baseia-se na versão do autor para fatos efetivamente ocorridos antes, durante e após o jogo, tomando-os como exemplos concretos do comportamento dessa

entidade abstrata e de difícil observação, que é o povo. As qualidades e defeitos que são atribuídos ao time selecionado são, exatamente, as do povo brasileiro.

O estado psicossocial do nosso povo ainda enverdece e os atletas saídos do meio do povo não podem improvisar condições e instrumentos de superação, ante aquelas provas desportivas que exigem a mobilização de maiores recursos e reservas orgânicas (Lyra Filho, 1954, p.52).

O futebol é transformado, simultaneamente, num epifenômeno de outros fenômenos sociais e num espaço de observação desses outros fenômenos. Nesses deslocamentos, em que os termos jogador, seleção brasileira e povo brasileiro são totalmente intercambiáveis, a obra inscreve-se como mais uma interpretação do Brasil.

Mas o que é o povo? Apenas no texto de 1973, de intenção mais teórica, encontraremos sua definição.

(...) o povo é um suporte de cultura ou uma soma de variações étnicas. (...) o denominador comum dos integrantes da sociedade, em qualquer área e em certo momento (Lyra Filho, 1973, p. 44).

Vejam, em primeiro lugar, o que significa cultura. O termo aqui denota, simultaneamente, um modo de vida coletivo partilhado por um indivíduo como membro da sociedade (Lyra Filho, 1973, p. 63 e p. 103) e o cultivo individual, sintomaticamente expresso na posse de títulos de consagração, perspectiva reiterada em várias passagens. Evidencia-se, portanto, a construção do objeto de análise através da mudança do referente empírico do termo cultura, no interior do texto. Nesses deslizamentos de sentido é que se arma, de fato, a equação necessária à exposição da tese.

Por outro ângulo, produz-se a invenção do povo enquanto denominador comum, abstraído diferenças, enfatizando e recriando o que se crê semelhante. Mas por que vias encontrar esse denominador comum? Perseguindo o sentido da



soma de variações étnicas vamos encontrar, em conjunção com o termo povo, o termo raça. De fato, a raça é o grande compósito homogeneizado, resultante do cruzamento de várias outras raças - o cadinho - e o denominador comum que erige um povo brasileiro.

O povo será um agrupamento de indivíduos portadores de idênticos caracteres sociais, da mesma raça ou de raças diversas (Lyra Filho, 1973, p. 44).

.....
A raça é um complexo de caracteres determinados, que poderão ser alterados em consequência de cruzamento. Neste caso, como Scheidt registrou, o produto mestiço representará uma nova composição de vários caracteres raciais herdados dos progenitores... (Lyra Filho, 1973, p. 48).

Concebidos desse modo, a mestiçagem e o cruzamento fazem surgir um novo espécime racial (Lyra Filho, 1973, p.43), que não reproduz globalmente nenhum dos espécimes anteriores amalgamados. A "questão racial" está dispersa pelas centenas de páginas dos dois livros, insinuando-se aqui e acolá, a cada vez tendo acrescentada uma dimensão nova, como que a reafirmar o seu poder heurístico. Trata-se, de fato, do recurso explicativo mais fundamental que só pode ser compreendido em termos das duas dimensões que engloba - a física e a cultural -, sugerindo-se, inclusive, a atuação de uma forma de determinismo biológico.

Os males são mais profundos e seguem do estádio da cultura ao estádio do futebol. Eles descem à própria genética (Lyra Filho, 1954, p. 51).

.....
Reuter advertiu que a raça serve, automaticamente, para classificar os indivíduos e retratar seu progresso, pela limitação da liberdade e pela determinação dos valores culturais a que tem acesso (Lyra Filho, 1954, p. 65).

Em decorrência, o operador racial



é o eixo da construção do povo, enquanto produto inédito da mestiçagem, instituindo um objeto uno e homogêneo. Mas, se neste nível de análise é enfatizada a homogeneidade, o mesmo operador poderá ser utilizado, em outros momentos, para delimitar as diferentes heranças presentes no novo compósito, como se verá adiante. Agora, interessa acompanhar mais de perto as implicações desta construção. É possível, então, compreender melhor o que o autor define como a causa mais profunda da derrota do selecionado brasileiro frente ao húngaro, destacada de um elenco maior de causas: a tenuidade de nossa formação, o enverdecimento que dá lugar à predominância dos instintos primários.

O maior número de práticas desportivas, inclusive o futebol, exercita marcas simultâneas de espírito, alma e instintos, mas é certo que o predomínio dos instintos ainda gradua a saliência da apresentação do futebol brasileiro (Lyra Filho, 1954, p. 52).

.....
Eis por que o Brasil continua a ser um país que possui povo, mas não tem opinião. O povo não está esclarecido pela cultura da alma e do espírito e ainda vive a explosão primária dos instintos. Ele ainda

não sabe dar atenção aos fundamentos e à projeção da própria vida individual, na pouquidão do conhecimento das regras comuns de educação e higiene (Lyra Filho, 1954, p. 53).

.....
A fatalidade desportiva desta época é o futebol, em cujas tramas explodem taras e peculiaridades revoltas na angústia da alma humana ou na insatisfação de instintos sufocados. Ainda vivemos a época das multidões anárquicas, trabalhadas pela força dissolvente ou desencontrada dos instintos primários. Ainda não atingimos aquela idade viril a que se referiu Tavares Bastos. Nosso futebol expõe a posição física e cultural dos brasileiros (Lyra Filho, 1954 p. 65).

Atente-se para o diagnóstico como transitório: todas as afirmações incluem o advérbio "ainda". Esta construção, decerto, indica uma previsão de mudança, numa determinada direção, sugerindo o acionamento dos princípios básicos do evolucionismo unilinear.

Futebol e capoeira: a herança negra

Se, para compor um objeto analisável, operando uma totalização, foi necessário estabelecer o primado da mestiçagem como produto novo, gerando o povo brasileiro com

características globalmente partilhadas, para explicar o atraso e a imaturidade é necessário recuperar a diferença interna pensada, fundamentalmente, como herança étnico-racial. Temos, em decorrência, uma espécie de desmontagem do mito das três raças (Da Matta, 1981). Com efeito, há um permanente descarteamento de uma participação significativa dos indígenas (Lyra Filho, 1954, p. 62; 1973, p. 46, 72, entre outras referências) na composição do povo. Ao contrário, um privilégio absoluto é atribuído à raça negra e aos mestiços que dela descendem, produzindo um colamento perfeito entre as características gerais atribuídas aos brasileiros e aquelas atribuídas aos negros.

(...) A indicada valorização resulta da estima que o povo confere a certos atributos desportivos peculiares aos negros e mestiços, em detrimento de tantos outros que revelam maior contribuição do espírito e, possivelmente, da alma. Eis por que ainda se atribui maior relevo à prática do futebol trabalhado pelo físico, instintivo, natural, espontâneo ou improvisado (Lyra Filho, 1954, p. 63).

É quando aborda o negro que se permite usar expressões tais como degradação e degenerescência que, embora incompatíveis com a tese clássica da evolução, também presente, não provocam maiores questionamentos. É como se a degradação fosse aplicável aos negros, tomados isoladamente, enquanto o "progresso" espera o povo brasileiro. Na verdade, como sempre, o grande nó da questão é o mulato. Esta figura, que tem aassombrado os mais diversos pensadores no Brasil, é, também aqui, alvo de contraditórias afirmações. Já que considera não mais existirem negros puros no

Brasil (Lyra Filho, 1973, p. 46), é do mulato que se está falando, fazendo intervir as variáveis mais caras - como a do meio, por exemplo:

Aqueles que somente conhecem os mestiços degradados nas cidades grandes, onde o meio cosmopolita corrompe facilmente quem não tem instrução, saúde e trabalho certo, não podem fazer idéia da perseverança e da retidão dos mestiços interiorizados nos longes do sertão. Talvez seja possível incluir-se no passivo da conta corrente dos mulatos, isto sim, uma certa propensão para a emotividade que, exagerando-se, será capaz de levá-los à passionalidade e, por via de consequência, à criminalidade (Lyra Filho, 1973, p. 47).

Do mesmo modo que o povo brasileiro (mestiço, mulato) assume fundamentalmente as características do negro, o futebol descende da capoeira:

Nenhum atleta ou jogador, saído do seio do povo, tem poder miraculoso para improvisar atributos culturalmente cristalizados. A melhor feição do futebol brasileiro,

por lhe ser peculiar, parece constituir sucedâneo do jogo de capoeira; envolve-se entre malabarismos de corpo, fintas, gingos, rasteiras e simulações vistosas aquecidas pelo sangue. Não são muitos, dentre os nossos jogadores de futebol, aqueles que sabem ler e escrever corretamente (Lyra Filho, 1973, p. 102).

A proposição que estabelece a ligação direta entre futebol e capoeira estabelece, portanto, a genealogia do povo brasileiro, oriundo das senzalas. A figura estereotipada do malandro é apropriada para compor, no imaginário do autor, o estilo próprio dos escravos que fugiam do trabalho nas fazendas:

Com êxito na fuga, estes deixavam o tempo passar cá fora como moleques de rua. De boné pendido na cabeça, camisa de meia, braços nus, cinto afivelado, lá iam gingando, pelas redondezas, com um assovio que se prolongava na tentativa de sustar os palavrões. Desempenados e astutos, às vezes vendendo arrogância ou comprando briga, talvez caminhassem à procura de uma educação que nunca lhes deram. Fácil será imaginar, ante as características desse tipo de rua, a espécie de povo trazido da vizinhança das senzalas para compor o quadro demográfico do Brasil ... (Lyra Filho, 1973, p. 73).

Pois é, justamente, dessa ralé, desse zé-povinho, dessa genticinha (as expressões estão em Lyra Filho, 1973, p. 74) que provém a parte mais substantiva da herança do povo brasileiro, sob o ponto de vista do autor.

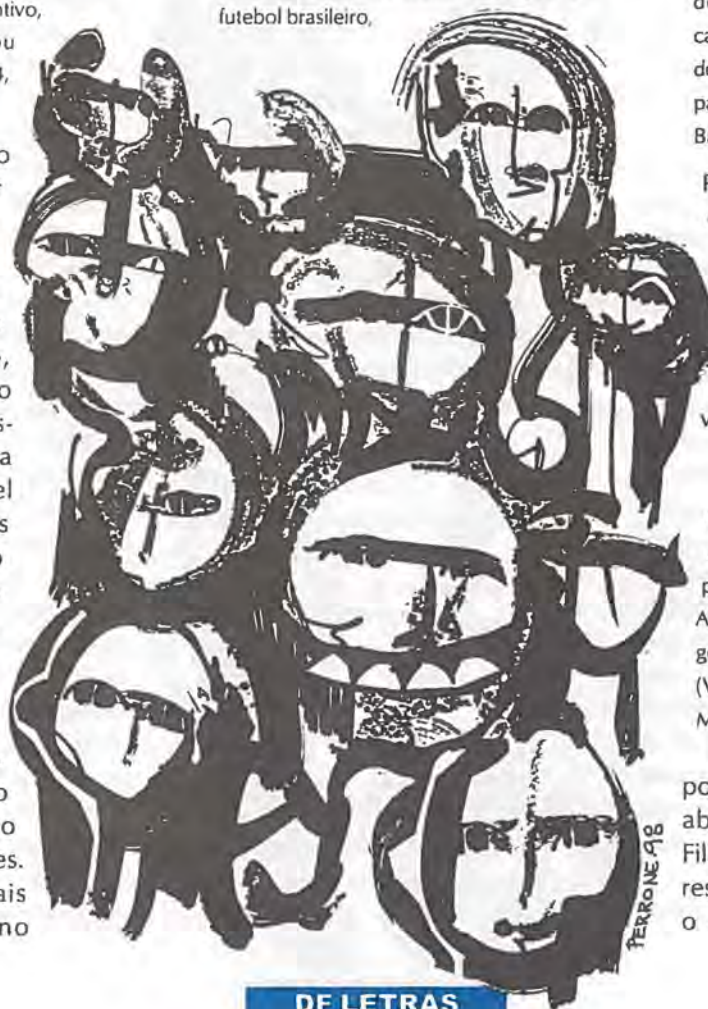
Conclusão: a atualidade da tese

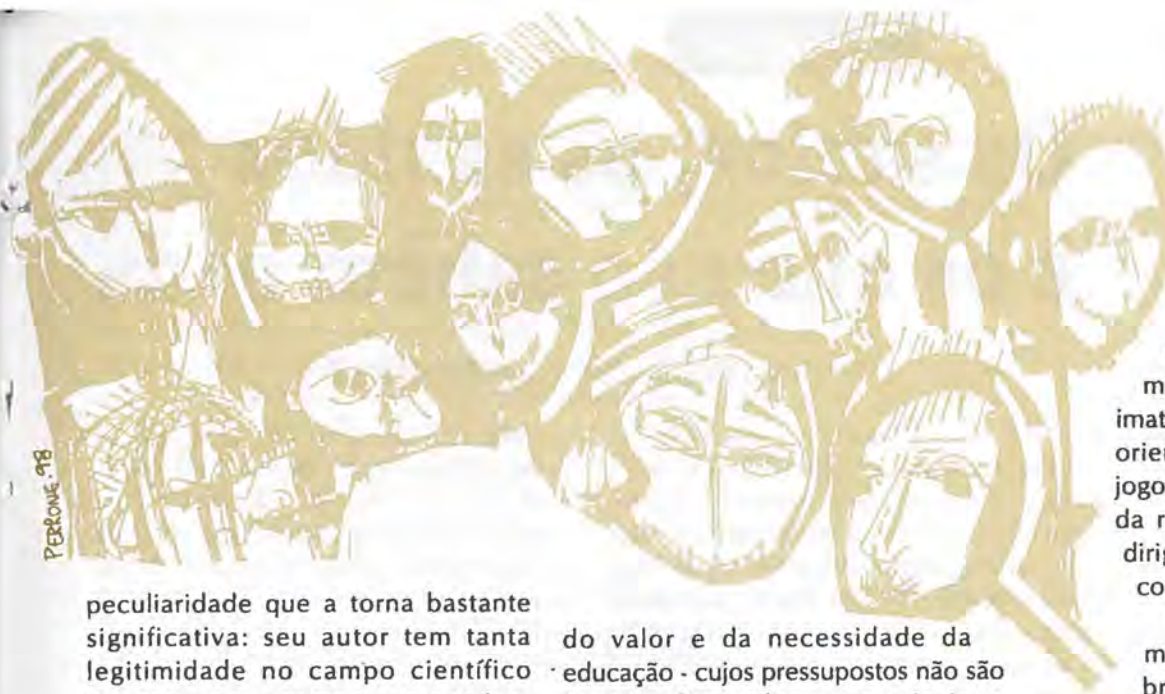
A gente não sabemos escolher presidente

A gente não sabemos tomar conta da gente...

(Versos da música *Inútil*, de Roger Rocha Moreira, 1985).

Decerto esta interpretação do povo brasileiro não é uma criação absolutamente original de Lyra Filho. Aliás, o seu interesse maior reside justamente no fato de não o ser. Tem, entretanto, uma





PERONE 78

peculiaridade que a torna bastante significativa: seu autor tem tanta legitimidade no campo científico quanto no campo esportivo, colecionando em ambos as mais altas honrarias. Trata-se de um intelectual que é, simultaneamente, um dirigente esportivo. Desse modo, a posição de Lyra Filho e de sua obra é extremamente singular, pois situa-se num espaço de interseção entre dois campos bastante distintos, abrindo-lhe a possibilidade de fazer circular as questões de um pelo outro. Vista sob esse ângulo, a tese do atraso e imaturidade do povo brasileiro, certamente o ponto central da explanação, do qual as outras afirmações são decorrências, que não é nova em nenhum dos dois campos, recebe, como avaliação do futebol, a chancela da ciência, enquanto se oferece a esta novas e incontestáveis provas. É claro que isto não a torna, automaticamente, hegemônica em nenhuma das duas áreas. Mas, como no meio esportivo esta visão é corrente e, como pretendo afirmar, atual, concorrendo com outras interpretações divergentes, a tese de Lyra Filho cumpre a dupla função de sistematizar uma determinada perspectiva já existente entre dirigentes e jornalistas esportivos e torná-la aparentemente mais consistente, com o apoio de dados classificados como científicos.

Além disso, a tese tem uma outra implicação. Se o povo é imaturo e ignorante, precisa ser educado e orientado. Não é casual que o tema

do valor e da necessidade da educação - cujos pressupostos não são jamais discutidos - se insinue permanente-mente nos textos, pontuados por variadas observações a este respeito, como a reiterada referência aos títulos universitários dos húngaros. Também é sugerida, por exemplo, a criação de dispositivos legais para obrigar os atletas a freqüentar cursos de educação para adultos e preconizado o regime de liberdade vigiada nas fases de treinamento (Lyra Filho, 1954, p. 173). Ora, isto coloca em cena um outro personagem, além do povo brasileiro, que não é analisado mas está lá todo o tempo: uma elite dirigente que não é imatura nem analfabeta. Tem, portanto, por missão, uma ação civilizatória interna. Mais pela divulgação da prática que pela emissão de postulados, Lyra Filho enuncia este papel. Sua relação com os jogadores é, segundo ele mesmo, marcada por um estilo paternal e bondoso (Lyra Filho, 1954, p. 27, entre outras referências) que preconiza para os dirigentes esportivos. Todavia, para que isto se realize, é necessário que aqueles que deverão ser educados e orientados aceitem esta prática pois, como afirma Lopes (1987, p. 23), os dominados também constroem a relação de dominação. A crença dogmática, indiscutível, no valor da educação, um valor em si mesmo na sociedade brasileira, independentemente de quaisquer outras variáveis, erige-se como sustentação

simbólica que legitima tais atuações.

O futebol, no modo como ele é apresentado cotidianamente no Brasil pela imprensa esportiva, demonstra, à larga, a permanência da tese da imaturidade e a necessidade de orientação. Não apenas nos jogos episódicos, é no dia-a-dia da relação entre jogadores e dirigentes que um minucioso controle se exerce.

O jogador de futebol, metonímia do povo brasileiro, é visto como um irresponsável, poucas vezes conseguindo estabelecer uma relação de outra ordem, derivada de sua concepção como profissional (Araújo, 1980). Alguns são, inclusive, isolados como rebeldes, quer porque tentem modificar essa relação (por exemplo, o jogador Afonsinho, na década de 70), quer porque persistam em não permitir controle sobre sua vida privada. Mais numerosos são os que aceitam as regras do jogo como o comprova, por exemplo, o caso de um jogador que, em 1989, compunha a equipe do Cruzeiro, de Belo Horizonte, e foi levado para morar na casa do vice-presidente do clube para que este soubesse a hora que sai, que chega, aonde vai e quando está em casa ("Jornal do Brasil", 25 fev., 1989). É neste quadro também que se deve entender a frase de um jogador do Bangu na época, já casado e pai de dois filhos, acerca do presidente do clube:

Ele é o pai que nunca tive. Dei sorte em cair na graça dele. Levo cada bronca, mas sempre que posso dou uma facadinha ("Jornal do Brasil", 11 jun., 1987).

De fato, a gente não sabemos nem escolher presidente de clube de futebol.

Simoni Lahud Guedes é doutora em Antropologia Social, professora-adjunta da Universidade Federal Fluminense, atuando nos cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia e Ciência Política.